



## SOLDADO FLAVIO COSTA: FORMAÇÃO MILITAR E VIDA POLÍTICA DO TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA EM 1950

### PRIVATE FLAVIO COSTA: MILITARY TRAINING AND POLITICAL LIFE OF THE BRAZILIAN NATIONAL TEAM COACH IN 1950

Helcio Herbert Neto\*

Universidade Federal Fluminense – UFF

 <https://orcid.org/0000-0002-4168-0749>

[helcio.neto00@gmail.com](mailto:helcio.neto00@gmail.com)



www.revistafenix.pro.br

**RESUMO:** Flavio Costa foi jogador de futebol, treinador e comentarista da cobertura esportiva em radiodifusão no Brasil. O propósito deste trabalho é explorar sua relação com as Forças Armadas, mais especificamente o Exército. A partir desses vínculos, é preciso examinar as tensões estabelecidas no interior do Estado e a filiação partidária do técnico. O estudo se insere na linhagem de pesquisas a respeito do engajamento de personalidades ligadas ao esporte no país e da adesão de esportistas a ideários militares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Flavio Costa; forças armadas; partidatismo

**ABSTRACT:** Flavio Costa was a football player, coach and commentator for broadcast sports coverage in Brazil. This work aims to explore his relationship with the Defense Forces, more specifically the Army. Based on these connections, it is necessary to examine the tensions established within the State and the coach's party affiliation. The study is a part of the research lineage regarding the engagement of people linked to sports in the country and the adherence of sportsmen to military ideals.

**KEYWORDS:** Flavio Costa; defense forces; partisanship

---

\* Foi selecionado pelo edital de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil (Faperj/CNPq), em nível de pós-doutoramento, e ministra cursos no Departamento de Estudos Culturais e de Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em História Comparada pela mesma UFRJ, concluiu o mestrado em Comunicação na UFF como bolsista do CNPq

“Fiquei envolvido 11 meses na Revolução de 1924 e segui para o Paraná, de onde persegui Luiz Carlos Prestes até a fronteira do Paraguai. Nessa peregrinação paguei os pecados” (COSTA, 1996, p. 28)

**F**lavio Costa foi jogador de futebol, um dos mais famosos treinadores brasileiros desde o princípio do profissionalismo no esporte e comandou a seleção brasileira na primeira edição da Copa do Mundo da modalidade disputada no país, em 1950. A atuação não se restringiu às rotinas diretamente técnicas: participou da cobertura dos acontecimentos do esporte em radiodifusão, de experiências iniciais no rádio até a televisão aberta. A passagem acima acena para outros indicativos da biografia do esportista carioca. A tumultuada carreira militar, vinculada ao Exército, é um dos traços que apontam para a fora das atividades meramente esportivas. A caçada ao futuro senador do Partido Comunista do Brasil (PCB), Luís Carlos Prestes<sup>1</sup>, sublinha igualmente as nuances políticas da sua biografia. Esses dados constam no livro de memórias *O Futebol no Jogo da Verdade*, escrito por Costa em parceria com Edson Pinto e publicado em 1996<sup>2</sup>.

O propósito deste artigo é examinar a trajetória do atleta, treinador e comentarista à luz das disputas sociais e políticas que atravessam o universo esportivo. A iniciativa não está isolada e está inserida em uma linha que se interessa pelo engajamento de jogadores e técnicos (FLORENZANO, 1998; COUTO, 2014) e da cobertura esportiva (HERBERT NETO, 2022) – embora, principalmente entre os comentaristas de TV ou de rádio a atuação política mais destacada venha à tona por meio da linguagem oral e mereça o termo

<sup>1</sup> O nome do senador Luís Carlos Prestes é grafado equivocadamente. O livro de memórias reúne vários desvios desse tipo, como será visto a seguir.

<sup>2</sup> Apesar ter sido escrito em parceria com Pinto, a opção foi por destacar apenas o nome de Costa no trecho do início do artigo. Todas as próximas citações serão acompanhadas da coautoria.

partidarismo (HERBERT NETO, 2019). O conceito é incontornável para compreender como a radiodifusão e seus personagens modulam conflitos no interior da cultura popular sem menosprezar apropriações, permanências e descontinuidades. Um olhar a respeito de Costa exige que sejam avaliadas principalmente as reminiscências registradas no livro, publicado três anos da morte do coautor<sup>3</sup>. A perspectiva de Borges (2010) para o tratamento com relatos memorialísticos e autobiográficos é fundamental perante as conexões do coautor com círculos influentes e esferas populares.

Trata-se de uma referência que repensa tanto a elaboração de biografias quanto o estudo desses volumes no mercado editorial para fins históricos (BORGES, 2010). O trabalho acerca de Costa é de crescente interesse por conta da relevância que a questão militar assumiu no começo da década de 2020. Isso se reflete em publicações de viés jornalístico, como as de Valente (2017) e Carvalho (2019), e com caráter histórico, a exemplo das de Manso (2020) e Herbert Neto (2022). Vale igualmente citar a retomada de discussões anteriores, as de William (2020) ou as de Carvalho (1998). Enxergar o Exército através da experiência do futuro treinador é essencial para escapar de interpretações equivocadas, que encarem a instituição como um bloco monolítico.

Costa facilita a compreensão sobre os trânsitos entre a caserna, os gabinetes político-partidários e os escritórios de entidades esportivas. No caso do esportista, o circuito tem ainda contatos inescapáveis com os campos de futebol e os estúdios de radiodifusão. Nessas movimentações, valores também se deslocam e aparecem em circunstâncias distintas, em outras feições. Com essas inquietações, as suas lembranças são revisitadas em detalhes à primeira vista pouco chamativos, mas que contribuem para que esse tenso cenário seja entendido. Inicialmente, devem ser destacadas as colaborações: além de ter autoria compartilhada, *O Futebol no Jogo da Verdade* tem duas

---

<sup>3</sup> O treinador da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950 morreu após internação por causa de um aneurisma abdominal em 1999.

apresentações. Uma delas é mais afetiva, de uma amizade pessoal do treinador de mais de cinco décadas, Canôr Simões Coelho (1996, p. 20).

A segunda é mais penetrante: o livro tem prefácio de Eduardo Augusto Viana da Silva. O texto, que exalta os feitos do treinador e administrador esportivo, carrega a assinatura do principal dirigente do futebol do Rio de Janeiro no período que compreende o fim do século XX e o princípio do novo milênio: Caixa D'Água<sup>4</sup>. A biografia do prefaciador, conhecido pelo apelido de infância até a morte, traz elementos imprescindíveis para a compreensão dos atravessamentos políticos no esporte e, por conseguinte, de personalidades como a de Flavio Costa. Para examinar essas camadas menos aparentes, entretanto, é preciso buscar dados externos a *O Futebol no Jogo da Verdade*, uma vez que o texto de abertura soa apenas como apologia ao biografado.

O prefácio é iniciado por recordações do então menino Eduardo Viana, que acompanhou na juventude as decisões de Flavio Costa à frente da seleção brasileira e de outros importantes times (VIANA DA SILVA, 1996, p. 15). No entanto, é a trajetória de Caixa D'Água na vida adulta que chama atenção: o dirigente ostentava diplomas em quatro cursos superiores diferentes. O currículo colaborou para que fosse professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e procurador federal. O mais interessante é observar como esse percurso culminou com uma gestão de mais de duas décadas à frente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, apesar de sucessivos escândalos provocados por denúncias durante a administração<sup>5</sup>.

O trânsito entre círculos acadêmicos e do funcionalismo público não contrasta com a relação com os clubes cariocas mais populares na trajetória do dirigente. Pelo contrário, é permitido afirmar que a capacidade de se articular com esses diferentes setores o ajudou a se manter durante tanto tempo no

---

<sup>4</sup> Informações do obituário da Folha de S. Paulo, disponíveis em: <<https://bit.ly/31B6Ijx>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>5</sup> Ibidem.

cargo. A autoria do prefácio aponta para os laços estabelecidos por Flavio Costa com a administração esportiva do Rio de Janeiro, mas oferece outros indícios. Sinaliza, sobretudo, para tradições bacharelescas que se manifestam no universo futebolístico nacional – desde a cobertura esportiva até as entidades que administram competições e seleções, passando por cargos eletivos e plataformas eleitorais (HERBERT NETO, 2020; 2021; 2022).

No intervalo do fim do Estado Novo ao golpe de 1964, essa tendência se expressou de maneira mais veemente sob a União Democrática Nacional (UDN) (HERBERT NETO, 2022). A aproximação se deu principalmente por conta das inclinações dos candidatos que se propunham a defender pautas de esportistas e o ideário do partido, com caráter mais vinculado aos estratos médios que se urbanizavam apressadamente em meados do século (BENEVIDES, 1985). A associação ao udenismo fica evidente por conta de características mais aparentes. A facilidade para circular entre ambientes universitários, o moralismo e o combate à corrupção são exemplos dessas características que os congregam (HERBERT NETO, 2022).

Houve transformações significativas quando o futebol deixou de ser gerido diretamente pelo governo federal (SARMENTO, 2006). A própria ditadura, anteriormente, impôs modificações. No entanto, é possível enxergar continuidades mesmo na década de 1990. Dois dirigentes simbolizam isso de forma mais evidente: Nabi Abi Chedid e Eurico Miranda. O primeiro manteve em São Paulo sua zona de influência, com dez eleições consecutivas para a Assembleia Legislativa e cargos de liderança na Federação Paulista de Futebol e na Confederação Brasileira de Futebol<sup>6</sup>; o segundo sustentou o comando do Clube de Regatas Vasco da Gama por anos e foi eleito deputado federal pelo

---

<sup>6</sup> Informações da Alesp, disponíveis em: <<http://bit.ly/417vB6D>>. Acesso em 18 de fevereiro 2023.

Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Ambos se formaram no curso de Direito<sup>8</sup> e tiveram atuações com bandeiras muito distantes daquelas defendidas pelos movimentos sociais<sup>9</sup>.

Embora se relacione diretamente com muitas das características, Flavio Costa tensiona essa tendência. Para tornar o estudo mais complexo, o ex-treinador se distancia também daqueles comentaristas que integraram a cobertura esportiva em radiodifusão abertamente vinculado às esquerdas, entre os quais João Saldanha se destaca (HERBERT NETO, 2022, p. 109). Nesse sentido, há mais urgência para que seja avaliado o caso porque coloca em questão qualquer dicotomia. Deixa em evidência, como oposição a visões mais simplistas, dinâmicas de disputas no universo futebolístico brasileiro. A partir dessa apresentação e sem desconsiderar tamanhos obstáculos, o trabalho terá três seções.

A seguir, as passagens a respeito das ligações de Costa com a vida militar serão examinadas. Perante a formação militar e os valores pelos quais o treinador demonstrava prezar no fim da vida, a fama de disciplinador no trato com os atletas fica menos misteriosa. Depois, a relação com a política, de maneira mais direta, ganha espaço. O convívio com representantes políticos no Legislativo e no Executivo vem à tona, assim como a pretensão de ocupar cadeira no Parlamento. As ambiguidades dessas trajetórias, fardada e uniformizada com trajes esportivos, colocam em perspectiva pesquisas anteriores sobre esses assuntos a respeito da comunidade esportiva – que inclui os dirigentes, chamados pejorativamente de cartolas, e membros de comissões técnicas. Por fim, as considerações finais serão expostas.

---

<sup>7</sup> Informações da Câmara dos Deputados, disponíveis em: <[bit.ly/3k6RvGu](http://bit.ly/3k6RvGu)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Informações da Alesp, disponíveis em: <<http://bit.ly/417vB6D>>. Acesso em 18 de fevereiro 2023.

## “TÉCNICA MILITAR DE COMANDO”: FLAVIO COSTA EM COTURNO

A atenção voltada para a militarização do esporte não é inédita. Dedicados à campanha da seleção que representava o Brasil na Copa do Mundo de futebol de 1970, Soares e Salvador (2014) destacam como práticas da caserna foram aplicadas na preparação dos jogadores. Os pesquisadores invertem a impressão de que a vitória na competição havia sido motivada puramente pelo talento do elenco, destacam detalhes da logística e da fisiologia que ajudaram na conquista, mas relacionam essas mudanças com o ganho de influência da oficialidade com a ditadura, estabelecida após o golpe de 1964 (SOARES; SALVADOR, 2014). A ruptura antidemocrática teve impacto sobre a realidade política, derrubou o regime democrático e se desdobrou para cultura popular (FERREIRA; GOMES, 2014). A preponderância militar não se limitou a esse único Mundial (SANTOS, 1981).

A edição de 1978, realizada na Argentina em um dos períodos ditatoriais mais violentos do continente, também mereceu esforços. Cabo (2019) ressalta a importância do treinador Cláudio Coutinho, oficial das Forças Armadas que exercia a liderança perante o elenco com austeridade. O técnico havia estado na delegação campeã no México, oito anos antes. Couto (2014) enfatiza justamente esse comando mais disciplinador para demonstrar como houve demonstrações de descontentamento entre os jogadores, a ponto de haver declarações na imprensa que contestavam o rigor e as limitações impostas pela hierarquia da seleção brasileira – apesar de o país também conviver com um clima repressivo, que só seria debelado com a redemocratização.

Em outras modalidades essa relação vem igualmente à tona. Fabiana Beltrame, campeã mundial no remo pela sua categoria, colocou em xeque políticas públicas para o alistamento de atletas de alto rendimento pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica (2022). As medidas do governo

federal tiveram como finalidade incentivar que potenciais medalhistas fossem incorporados para treinar nas instalações das Forças Armadas durante o ciclo de grandes eventos esportivos no Brasil. Com o ganho de destaque da militarização durante a presidência de Jair Bolsonaro, a remadora refletiu sobre como a realização das competições no país colaborou para colocar em evidência oficiais que se mobilizariam anos depois até em atos antidemocráticos – em rara manifestação pública entre os beneficiários da parceria do Palácio do Planalto com os militares (Ibidem).

O caso de Costa ajuda a iluminar essa relação no ainda incipiente esporte profissional da primeira metade do século XX, tentativa também expressa por Coutinho (2016). Sua fase como jogador se deu inclusive no período do amadorismo (COSTA; PINTO, 1996). É um período muito diferente para as próprias Forças Armadas, àquela altura conflagrada em disputas internas e distante dos aprimoramentos com os quais se depararia em meados do século XX (CARVALHO, 1998). A experiência mostra continuidades e rupturas na comparação com os exemplos mencionados, seja na seleção brasileira masculina de futebol – na conquista da Copa do Mundo de 1970 ou na derrota no Mundial de 1978 –, seja nos esportes olímpicos com o Brasil como país-sede.

A associação com o Exército se inicia no período que atualmente é classificado como Educação Básica: “Passei sete anos no Colégio Militar, terminei o curso, mas não era um aluno brilhante, nunca fui disciplinado, nem muito estudioso. Sentia-me no colégio um pouco aprisionado, minhas saídas eram aos sábados, às vezes ficava preso e não podia ir para casa” (COSTA; PINTO, 1996, p. 25). É necessário reter as ambivalências da relação com a disciplina militar. Apesar dos futuros elogios particularmente à rotina e à hierarquia, a convivência com esse tratamento é problemática. “Aos 14 anos integrei o time oficial do Colégio Militar, usando chuteira e uniforme. Joguei bola de meia com alguns vizinhos, no quintal da minha casa”, prossegue o



relato para mais à frente sentenciar, “passei minha adolescência praticamente internado no Clube Militar” (p. 25). As memórias sinalizam certo nível de enclausuramento.

Em seguida, são descritos a transferência para a Escola Militar e os primeiros momentos no futebol, ainda em competições para adolescentes e pré-adolescentes: “Jogava também no Tupi de Paquetá, tive oportunidade ir para o Flamengo, porque muitos dos seus jogadores, como Roberto, Mamede e às vezes Nonô, *center-forward* famoso, e torcedores pertenciam ao clube rubro-negro e minha intenção era segui-los” (1996, p. 26, grifos dos autores). A partir do aumento do tempo destinado ao esporte e do distanciamento paulatino com o Exército, a tensão fica mais explícita. “No final do campeonato, em julho, desliguei-me da Escola Militar, por não me sentir bem com o regime fechado; vivíamos uma fase revolucionária. Com a revolução de 5 de julho as pessoas eram pressionadas e deixei a vida militar, antes de completar o curso” (1996, p. 26).

Ao abandonar o centro de ensino regular, mantido pelo Exército, Costa ficou mais perto dos campos de batalha – “Pelo regulamento da Escola Militar tive que servir como soldado, até completar o tempo de serviço” (COSTA; PINTO, 1996, p. 26). São os próprios autores que relatam o contexto de disputas que torna iminente o alistamento para os conflitos: “Fui escalado para Juiz de Fora, em Minas, e de lá transferido para São Paulo. Fiquei envolvido 11 meses na Revolução de 1924 e segui para o Paraná, de onde persegui Luiz Carlos Prestes até a fronteira do Paraguai. Nessa peregrinação paguei os pecados” (p. 28). A conjuntura era de crise interna, com a irrupção das revoltas de jovens oficiais.

Essa tendência, mais aparente desde 1922 sob a alcunha de tenentismo, foi determinante para a composição das Forças Armadas e progressivamente exigiu, acompanhada de uma série de outras mudanças, a recomposição da política brasileira (PRESTES, 2016). O trecho carrega de tons épicos a

sublevação conhecida como coluna Costa-Prestes que por defender a modernização do país em vários níveis mobilizou as forças repressivas em perseguição que só terminou quando os insurretos deixaram o território nacional (Ibidem). Uma das lideranças do movimento era Luís Carlos Prestes que, antes de se converter ao comunismo, concederia o próprio nome para o levante (REIS, 2014). As recordações remetem ainda aos anônimos que participaram da caçada.

Durante as operações, o atleta era apenas um dos soldados da tropa. A frustração com a interrupção da carreira militar se manifesta no seio familiar. Costa e Pinto (1996) recuperam a ligação de parentes próximos do futuro técnico da seleção brasileira com o Exército – “Nessa peregrinação paguei os pecados do desgosto que tinha dado ao meu pai, Antônio Rodrigues Costa Junior, por ter largado a Escola Militar. Meu pai não era militar, mas meu irmão, Antônio Faustino da Costa, chegou a general” (p. 28). Seriam mantidas, portanto, proximidades com o topo do oficialato do seu tempo – facilitada pela composição de sua família.

O fato de ter havido esforços para que os filhos construíssem carreiras militares denota a admiração de Antônio pela corporação, sentimento que precisa ser devidamente notado. A trajetória de Costa enquanto militar não havia terminado após a participação: “Voltei para o Exército, como sargento, por ter participado de operações militares. Amigos tentaram minha volta ao Exército, como oficial comissionado, mas não quis, dei baixa” (COSTA; PINTO, 1996, p. 28). Nesse ponto, as memórias transparecem muito mais simpatia pela vida na caserna do que quando são recuperadas as passagens sobre a infância. Isso tem relação com aprendizados que o futuro técnico alegava ter vivenciado.

As lembranças adquirem coerência quando conectadas à vida esportiva de Costa: “Agradeço muito ter passado pela vida militar. Para realizar o trabalho que pretendia no Flamengo tinha que ter autoridade. Queria mudar a mentalidade dos diretores e atletas e minha técnica militar no comando me serviu muito. Esses

conhecimentos foram muito úteis na preparação” (COSTA; PINTO, p. 28). A rotina teria servido para a preparar fisicamente os elencos, mas também para propor transformações na política dos clubes. Ocorre trânsito de valores entre os campos militar e esportivo: “O método tornava-se ainda mais necessário quando alguns jogadores começavam a relaxar nos exercícios e eram estimulados pela minha ordem unida. Eles sentiam a minha autoridade e cumpriam as determinações, apresentando os resultados que pretendíamos” (p. 28).

*O Futebol no Jogo da Verdade* é composto por capítulos temáticos curtos, que condensam reflexões, relatos e percepções de acontecimentos do passado. Até por isso o encerramento dessa parte se encarrega de fazer a ligação entre o período de formação e os usos da bagagem militar no cotidiano dos clubes. Na década seguinte, Costa concluiria o curso superior em Educação Física<sup>10</sup>. É indispensável demarcar que as páginas a respeito das memórias no Exército estão logo no princípio do livro, no capítulo seguinte às apresentações e aos agradecimentos. A obra respeita certa cronologia, mas não tem nenhum rigor temporal. É permitido inferir que a localização também confere importância ao assunto.

### **“ELES SENTIAM A MINHA AUTORIDADE”: FLAVIO COSTA NA CÉDULA DA VOTAÇÃO**

Costa sustentou laços fortes com a política institucional. Para ter dimensão desses vínculos, é preciso conhecer como sua figura pública foi construída. Com esse propósito, um elemento interessante é a concomitância de atividades: a exemplo da experiência da juventude, quando conciliava a carreira militar e os primeiros passos no amadorismo, na maturidade também haveria ao mesmo tempo atuação em mais de uma área. O então treinador do Flamengo reivindica o crédito por ter criado um programa radiofônico dedicado ao clube

<sup>10</sup> Informações do obituário da Folha de S. Paulo, disponíveis em: <<https://bit.ly/31B6Ijx>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

ainda nos primórdios do *media* no Brasil e, por conseguinte, seu pioneirismo na radiodifusão voltada para o futebol no Rio de Janeiro.

É um período de práticas rudimentares para o rádio, em que as transmissões se baseavam no voluntarismo de entusiastas e a audiência era limitada (PRADO, 2012). “Hilton Santos, diretor de futebol do Flamengo, junto comigo, idealizou uma promoção do clube, através do único programa radiofônico da cidade, na Rádio Clube do Brasil. Conseguimos que Amador, locador de muitas horas de programas, aos sábados, cedesse 20 minutos” (COSTA; PINTO, 1996, p. 55). A passagem simboliza a presença de propostas segmentadas, voltadas a torcedores de times específicos, nos primeiros momentos do veículo de comunicação. Isso fica evidente no batismo da atração: “Passamos a chamar este programa de ‘Hora Rubro-Negra’” (Ibidem).

Embora não descreva minuciosamente suas funções na produção do programa, o relato delega ao próprio Costa a formação do elenco, que utilizava jogadores rubro-negros para entreter os ouvintes: “Roberto, que jogava na extrema-direita, e Afonsinho eram os cantores do programa” (COSTA; PINTO, 1996, p. 55). Outro atleta igualmente chamou atenção e foi escalado para a *Hora Rubro-Negra* – “Muito engraçado, Laurentino chegava a ser chato. Acabei indicando-o para mediador do grupo” (Ibidem). No trecho, é inequívoco o orgulho pela indicação. “O sucesso de Laurentino no programa foi tanto que acabou contratado pela Rádio Clube, por sugestão do Casé. Laurentino transformou-se no comediante Lauro Borges, um grande nome do rádio brasileiro” (p. 55).

Borges é conhecido como um dos maiores humoristas da radiodifusão e sua temporada no programa voltado para torcedores do Flamengo remete às tradições da cultura popular que articulam o falar sobre futebol e o riso (HERBERT NETO, 2022, p.73). O caráter artesanal do rádio é explicitado pela experiência liderada por Costa em parceria com a diretoria do clube e, aos olhos do profissionalismo da comunicação do século XXI, chega a ser divertido o caso

de jogadores que ser arvoram a cantores amadores ou a comediantes. As recordações da *Hora Rubro-Negra* são descritas em capítulo isolado, de uma página. Quem também merece destaque em *O Futebol no Jogo da Verdade* é Vargas Neto.

Sobrinho de Getúlio Vargas, o político exerceu diversos cargos públicos: foi promotor de Justiça, procurador da comarca de Porto Alegre, procurador público do Distrito Federal, procurador público da Prefeitura do Distrito Federal – ambos ainda na cidade do Rio de Janeiro –, procurador-geral do estado do Rio Grande do Sul e secretário de Fazenda, além de manter atividades da política esportiva<sup>11</sup>. Especificamente sobre a área, Costa detalha: “Vargas Neto, escritor, poeta e grande desportista, na época presidente da Federação de Futebol, era um homem limpo que só dignificou o cargo que ocupou por muitos anos na entidade. Isso comprova que existem homens limpos e honestos no esporte” (COSTA; PINTO, 1996, p. 110). O julgamento moral é nítido.

O relacionamento era tão próximo que envolvia envios de presentes. “Vargas Neto, meu grande amigo, quando conquistei o primeiro campeonato, como técnico da seleção carioca, me presenteou com uma medalha de ouro, que tinha em relevo um jogador chutando a bola, que era uma pedra preciosa” (COSTA; PINTO, 1996, p. 110). O gesto teria se repetido, de acordo com o livro, na conquista de um tricampeonato (Ibidem). Ao revisitar essa relação, que recebe um capítulo próprio, não há remorso ou arrependimento. Os gestos não eram vistos como promiscuidade com o poder público. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) geria o futebol no país. Vargas Neto seria ainda deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), vale destacar. O contato com a legenda será importante para o futuro político de Costa.

---

<sup>11</sup> Informações da Câmara dos Deputados, disponíveis em: <<http://bit.ly/3EG1OIT>>. Acesso 18 de fevereiro de 2023.

O gestor da CBD, Rivadávia Corrêa Meyer, é muito elogiado no livro (COSTA; PINTO, 1996, p. 117). Coube ao dirigente esportivo a indicação do treinador para comandar a seleção brasileira, em trajetória que vai despontar na disputa da Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil foi sede do torneio. As medidas em torno da preparação são problematizadas nas memórias, com informações internas pouco debatidas. “A CBD também designou, para surpresa minha, uma nova comissão técnica com 17 membros. Estranhei, fui conversas com o presidente da CBD e ele me explicou: ‘Flávio<sup>12</sup>, seu cortar três pessoas eles vão ficar no teu calcanhar, querendo interferir”, revela (p. 123-124). Meyer foi o encarregado de minimizar o impacto dessa decisão.

A nomeação do grupo sinaliza a composição de forças, a partir do governo federal, interessadas pela organização da equipe. De acordo com o mesmo dirigente esportivo, curiosamente a criação da comissão tinha como objetivo evitar maiores problemas – “Colocando esse número na comissão, para se reunir, ela precisa de uma sala e vai ser difícil eles se entenderem’. E acrescentou: ‘Já coloquei os 17 porque, se quiserem te atrapalhar, posso tirar um ou dois membros, sem prejudicar os trabalhos (COSTA; PINTO, 1996, p. 123). Segundo o livro de memórias, essa foi a reação de Meyer ao espanto com o número de nomeados. O grupo, entretanto, seria rico em discordâncias.

O dissenso foi forte até com o principal nome da cobertura esportiva carioca: “O jornalista e desportista Mario Filho, que era meu amigo, também tinha um projeto de preparação para a Seleção Brasileira, que não coincidia com o meu, que previa três meses de trabalho. Mario Filho achava que eu deveria parar tudo e começar imediatamente o que estabelecia seu projeto” (COSTA; PINTO, 1996, p. 125). O relato de Costa é interessante porque o proprietário do *Jornal dos Sports* é reconhecido pela bibliografia acerca do Mundial de 1950 como um grande incentivador da organização do país-sede, da construção do Maracanã e da

---

<sup>12</sup> A própria grafia do nome do treinador varia no livro.

seleção brasileira (PERDIGÃO, 1986; NOGUEIRA; SOARES; MUYLAERT, 1994; MOURA, 1998; HELAL; CABO, 2014; MORAES NETO, 2014). Como autor, foi o narrador da épica superação do futebol brasileiro após o fracasso no torneio (FILHO, 2010).

A presença em uma comissão que, a rigor, era coordenada pelo Estado brasileiro desloca a compreensão a respeito da participação de Filho na Copa de 1950: em vez de um intérprete externo, puramente da cobertura esportiva, o executivo do veículo de comunicação deve ser entendido também como um membro dessa comitiva que acompanhava o desempenho da seleção. O ponto de discórdia foi o planejamento do jornalista, prevendo um semestre de dedicação ao processo que culminaria na campanha da Copa do Mundo (COSTA; PINTO, 1996, p. 125). A discordância definiu a saída do executivo do grupo, mas não foi a única registrada em *O Futebol no Jogo da Verdade*.

Em um dos encontros da comissão, foi necessário anunciar os selecionados: “Li a relação dos 25 convocados. O comandante Martinelli, almirante e desportista do Botafogo, pediu a palavra e declarou: ‘Eu quero discordar de dois nomes que estão na lista e fazer uma indicação’” (COSTA; PINTO, 1996, p. 125). Logo, havia a representação das Forças Armadas na comissão. Àquela altura, a presença de oficiais na política não era irrisória. O prefeito do Distrito Federal era o general Ângelo Mendes de Moraes, em cujo mandato foi erguido o estádio do Maracanã (MOURA, 1998). Em oposição a uma presumível simpatia, dada a relação de Costa com os militares, a intervenção foi recebida como intromissão, quase insulto.

Está registrada a pouca receptividade do treinador na reunião: “Não estava sob discussão e nem para ser vetada. ‘Se houver veto deixarei o cargo na seleção.’ Não pedira para ser designado, não estava ‘grudado’ a qualquer facção e o comandante Martinelli poderia sentar no meu lugar” (COSTA; PINTO, 1996, p. 125). Depois da discussão, o oficial pediu afastamento, em inequívoco o tensionamento de Costa com representante das Forças Armadas. Se a carreira

militar foi atrativa e mereceu elogios, a rotina de confrontos como soldado, o convívio com um almirante e as injunções políticas na seleção brasileira são vistas como negativas. O relacionamento após o golpe de 1964 dificulta essa compreensão: em *O Futebol no Jogo da Verdade* consta o relato da indicação de um ex-jogador que passava necessidades para cargos público, mediada por generais de sua confiança (p. 90).

A passagem assinala que o treinador tinha influência nos círculos próximos ao presidente Emílio Garrastazu Médici, em sinalização dessa proximidade (COSTA; PINTO, 1996, p. 90). A partir do relato construído por Costa, a associação entre sua caracterização como líder austero e o passado militar é incontestável. A fama de disciplinador é evocada em várias passagens, que demonstram como o pulso firme do técnico teria sido determinante para o sucesso de seus comandados. A conduta enérgica, que em diversos momentos ultrapassa os limites para o autoritarismo, é tão definitiva que, além das menções espalhadas pelo texto, igualmente merece um capítulo no livro.

As referências sobre o Mundial de 1950 revisitam essa particularidade do treinado, cada uma a sua maneira (PERDIGÃO, 1986; NOGUEIRA; SOARES; MUYLAERT, 1994; MOURA, 1998; SILVA, 2001; HELAL; CABO, 2014; MORAES NETO, 2014). A julgar pelo mercado editorial, a aura de autoritário continuou a pairar: a rispidez do técnico foi apontada igualmente por Almir Albuquerque (1973), um dos principais jogadores do futebol carioca nos anos 1960, que também foi comandado por Costa. Um elemento, entretanto, é significativo para a sua vida política e para o trânsito de valores: em mais uma concomitância de atividades, ao mesmo tempo que comandava o time que representava o país-sede na primeira edição do torneio depois da Segunda Guerra Mundial, Costa alimentava a pretensão de ser eleito parlamentar<sup>13</sup>. Era a segunda eleição depois do fim do Estado Novo, na qual o ex-presidente Getúlio

<sup>13</sup> Informações da primeira página da Tribuna da Imprensa em 24 de março de 1950.



Vargas se submeteria às urnas e retornaria ao Palácio do Catete em candidatura pelo PTB (LIRA NETO, 2014).

A mesma sigla acomodaria o treinador<sup>14</sup>. É instigante observar que um candidato tão interessado pela vida militar, que teria batalhado contra Prestes e se avizinhou do generalato, fosse acolhido pelo trabalhismo. O que torna a escolha mais problemática é o fato de, em um período de quatro anos, Vargas ter sido cercado pelas Forças Armadas e excluído do poder (LIRA NETO, 2014). Esse ponto só é examinado com rigor caso, além das oscilações de Costa perante a oficialidade, as ambiguidades do próprio PTB sejam detidamente analisadas. É o enfoque de Gomes (2006), que reconstrói a trajetória da sigla com o propósito de enxergar as lutas sociais como protagonistas, em vez de delegar à população funções contemplativas.

A perspectiva confere mais dinâmica à História e escapa de maniqueísmos. Apesar de não ter havido um convívio harmônico, Vargas conseguiu estabelecer com as Forças Armadas um visível acordo durante o Estado Novo (GOMES, 2006; LIRA NETO, 2014). Carvalho (1998) explica que o presidente foi o responsável por equipar Exército, Marinha e Aeronáutica, em um movimento para as suas modernizações. Contudo, mudanças nacionais e internacionais afunilaram para o fim do regime autoritário, na metade dos anos 1940 (FERREIRA, 2006). As rupturas e continuidades diante da alta cúpula militar ficariam evidentes no mandato presidencial da década de 1950, em período crítico que terminaria com o suicídio do presidente. Um fator aglutinava Vargas, as Forças Armadas e até Costa: o anticomunismo. A pauta foi decisiva para que o estado de exceção fosse decretado em 1937 e seguiria com grande apelo no século XX (PRESTES, 2017). O combate aos comunistas tem forte apelo entre os esportistas, em passagens que também datam dos anos 1930 (AGOSTINO, 2002).

---

<sup>14</sup> Informações da primeira página do Correio da Manhã em 22 de outubro de 1950.

Outras memórias publicadas a respeito da Copa do Mundo culpam a campanha política que o treinador teria promovido na concentração pela derrota contra a seleção do Uruguai na decisão (MORAES NETO, 2014; PERDIGÃO, 1986; SILVA, 2001). O clima festivo, na iminência da maior conquista da história do futebol nacional, teria levado representantes de partidos para as dependências nas quais os atletas se preparavam para a última partida do Mundial. Costa não consegue uma cadeira no Legislativo<sup>15</sup>, talvez por influência do insucesso da seleção. É permitido supor que o temperamento austero tenha perdido eficácia junto aos eleitores com a derrocada do time – em jogo que foi encarado por contemporâneos como o fracasso do projeto nacional brasileiro (HELAL, 1997; WISNIK, 2008). Nessa paisagem, a sua tão cara autoridade se esvaiu. A candidatura pelo PTB não recebe maior destaque, apesar de haver um capítulo voltado para o Mundial de 1950 em *O Futebol no Jogo da Verdade*. Os preparativos para a campanha e o retorno do treinador à seleção brasileira são descritos minuciosamente, em passagens que não se limitam ao espaço dedicado inteiramente para a primeira Copa do Mundo disputada em solo nacional.

## CONCLUSÃO

O artigo não ignora as profundas discussões a respeito das relações entre os militares brasileiros e os esportes – especialmente o ensino de Educação Física, com destaque para Sodré (1965) e Castro (1997) na segunda metade do século XX –, tampouco a profusão de entrevistas e declarações concedidas pelas personalidades esportivas que poderiam contribuir com o estudo. Até porque outros esforços para compreender os comentaristas assumiram como fontes justamente esses depoimentos (HERBERT NETO, 2022). Entretanto, a ênfase se

---

<sup>15</sup> Ibidem.

volta para as memórias de Costa devido ao caráter quase velado que assumiu o livro em que foram publicadas suas versões para os acontecimentos.

Os vínculos com os militares, a defesa da disciplina e os conflitos nos bastidores da política esportiva na metade inicial do século são retomados por meio das memórias de Costa. Os relatos colaboram para reconstruir as dinâmicas no interior do poder, mas não podem ser tomadas como sínteses fidedignas dos acontecimentos. O livro é redigido com base nas impressões do treinador e recupera alguns sentimentos com os quais os fatos foram recebidos em seus respectivos momentos. O teor épico na descrição da caçada à coluna Prestes-Costa ilustra essa tendência mais passional. As recordações dos tumultuados encontros da comissão técnica antes do Mundial de 1950 também.

Para não ficar refém das percepções de Costa, dos autoelogios ou das críticas acentuadas aos adversários, foi necessário consultar outras fontes. A bibliografia foi importante para sustentar a descrição dessa trajetória política, que apresenta imbricações das vidas militar e esportiva. O acompanhamento que os jornais conferiram aos acontecimentos também ajudam a modular a retórica do treinador e indicam as lacunas. O caso da candidatura ao Legislativo como representante do trabalhismo, por exemplo, só aparece nesta análise por conta das notícias que circularam pela imprensa. Essas ausências são eloquentes, porque oferecem aos historiadores a visão de uma certa hierarquia de relevância estabelecida pelos autores. É com essa ordenação que foram definidas as passagens que entraram no livro e os eventos destinados ao esquecimento.

Caso mais estudos se disponham a colocar em relação a visão exposta na obra autobiográfica e fontes diferentes, serão alcançados outros resultados. Pesquisas minuciosas nos arquivos dos órgãos que acompanham as eleições no Brasil, em outros relatos registrados no mercado editorial e em publicações contemporâneas ajudarão a recompor o insucesso da campanha do treinador ao Parlamento. Os arquivos do Exército, sujeitos a mais restrições, também

colaborarão para demarcar a atribulada carreira militar de Costa. Para os fins deste artigo, a análise das recordações demonstra de que maneiras essas diferentes áreas de atuação se encontram, a partir da popularidade do futebol.

A formação militar e a vida política de Costa apontam para as conexões com a cobertura esportiva em radiodifusão. Apresentam ainda outros indicativos: em um instante crucial da vida pública brasileira, quando segmentos significativos da comunidade esportiva apoiam abertamente candidatos militares<sup>16</sup>, na ativa ou na reserva, com plataformas políticas belicistas<sup>17</sup>, intolerantes<sup>18</sup> e antidemocráticas<sup>19</sup>, a experiência do treinador da seleção brasileira na campanha do Mundial de 1950 reitera os laços dos atletas com as Forças Armadas anteriores ao golpe de 1964. O exemplo do coautor de *O Futebol no Jogo da Verdade* oferece um exemplo de um passado mais remoto, que antecede a redemocratização, para que o comportamento seja melhor entendido.

O livro move a discussão da alçada dos partidos – notavelmente do udenismo de grande comentaristas esportivos que se lançaram em campanha para cargos eletivos (HERBERT NETO, 2021; 2022) – para o trânsito de valores. A defesa da austeridade remonta ao moralismo dos representantes da UDN, mas Costa manteve seus anseios para chegar ao Parlamento como trabalhista. Os dois partidos antagonizaram entre o fim do Estado Novo e a investida pela deposição de João Goulart (FERREIRA, 2006). Em vez da liderança do brigadeiro Eduardo Gomes (PRESTES, 2017), a campanha do treinador tinha como referência o

---

<sup>16</sup> O caso do bolsonarismo na seleção brasileira de vôlei exemplifica bem isso. Informações da Folha de S. Paulo, disponíveis em: <[bit.ly/3xvTUO4](http://bit.ly/3xvTUO4)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>17</sup> O jogador de vôlei Wallace foi alvo de críticas nesse sentido. Informações de Terra, disponíveis em: <[bit.ly/3k98PL3](http://bit.ly/3k98PL3)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>18</sup> O exemplo da LGBTQIA+fobia na comissão técnica da seleção brasileira de futebol é significativo. Informações do Jornal Extra, disponíveis em: <<http://bit.ly/3YIUe82>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>19</sup> A participação de um tenista profissional durante os atos antidemocráticos em Brasília em 2022, após a eleição do presidente Lula, ilustra essas manifestações. Informações do GloboEsporte.Com, disponíveis em: <[bit.ly/3XI31FS](http://bit.ly/3XI31FS)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

antípoda Getúlio Vargas. Não é possível enfrentar essa constatação sem levar em consideração o caráter errático do getulismo e do PTB (GOMES, 2006).

As opções de Costa embaralham o cenário político quando condensam adoração a disciplina militar, comunidade esportiva e trabalhismo. Com isso, realçam as disputas em torno desses valores – conflitos que precisam ser mais explorados para que a postura autoritária de notáveis setores do esporte nacional ganhe contornos mais bem definidos (ROCHA, 2018). As passagens autobiográficas exigem dos pesquisadores atitudes menos inclinadas a generalizações maniqueístas, conduta que igualmente serviria para o exame da imbricação do esporte com a política no século XXI. Dessa forma, os sinais dúbios na vida política do treinador e de outros atletas seriam encarados como ambivalências: a atenção para demonstrações até antagônicas é cada vez mais necessária.



www.revistafenix.pro.br

## REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro, Maud, 2002.

ALBUQUERQUE, Almir. **Eu e o Futebol**. São Paulo: Biblioteca Esportiva Abril, 1973.

BELTRAME, Fabiana. “Eu levava minha filha ainda bebê para o Flamengo porque ali todos cuidavam dela”. In: HERBERT NETO, Helcio. **Conte comigo: Flamengo e democracia**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022, p.49 - 56.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o Udenismo – Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010, p. 203-234, 2018.

CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do. **Argentina/78: Uma Copa do Mundo Política, Popular e Polêmica**. Curitiba: Appris Editora, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os Militares. In: D’ARAÚJO, Maria Celina (org.). **As Instituições Brasileiras na Era Vargas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

CASTRO, César. o. In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**. Niterói, 1997, n. 2, p. 61-78, 1º sem.

COELHO, Canôr Simões. Homenagem. In: COSTA, Flavio; PINTO, Edson. **O futebol no jogo da verdade**. Rio de Janeiro: Cape Editora, 1996, p. 20.

COSTA, Flavio; PINTO, Edson. **O futebol no jogo da verdade**. Rio de Janeiro: Cape Editora, 1996.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933 – 1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da Ditadura à Ditadura: Uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945 – 1964)**. São Paulo: Atual Editora, 2006.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo – A rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Musa, 1998.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HERBERT NETO, Helcio. Brasil brasileiro: Ary Barroso, da vida política ao comentário esportivo. In: BELMAIA, Nathany A. W; AMADARO, Cássio H. dos S.; FRIZZO, Matheus K.; MIRANDA, Guilherme N.; HEINRIQUE, Heitor E.; ARCHER, Renan B.; PINTO, Otávio Luiz Vieira (org.). **Diálogos sobre História no Brasil: Política, Arte e Cultura**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2022, p. 414-439.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, Junho de 2021, p. 61 - 79.

HERBERT NETO, Helcio. **Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960**. Doutorado (História Comparada). Programa de

Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidatismo no comentário esportivo na TV. In: I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás. **Anais...** Uruaçu, p. 46 – 63, 2020.

HERBERT NETO, Helcio. **Programas esportivos de mesa redonda:** a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LIRA NETO. **Getúlio (1945 – 1954):** da volta pela consagração popular ao suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias:** dos esquadrões da morte a Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50.** Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2013.

MOURA, Gisella de Araujo. **O Rio corre para o Maracanã.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUylaert, Roberto. **A Copa que Ninguém Viu – e a que não queremos lembrar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota.** Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil.** São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes:** uma comunista nos arquivos da Gestapo. São Paulo: Boitempo, 2017.

PRESTES, Anita Leocádia. **Tenentismo Pós-30:** continuidade ou ruptura?. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2016.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes:** Um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). **O ódio como política – a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 47-52.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo:** uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2006.

SILVA, Thomaz Soares da. **Verdades e mentiras no futebol: Mestre Ziza**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Rio de Janeiro, 2001.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marco Antonio Santoro. 1970 – preparo de caserna, coração de chumbo e mente brilhante. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 139-164.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VIANA DA SILVA, Eduardo Augusto. Prefácio. In: COSTA, Flavio; PINTO, Edson. **O futebol no jogo da verdade**. Rio de Janeiro: Cape Editora, p. 15-19, 1996.

WILLIAM, Wagner. **O Soldado Absoluto: uma biografia do marechal Henrique Lott**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

#### PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA

FREYRE, Gilberto. “Foot-ball Mulato”. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 de junho de 1938, p. 4.

Vozes da cidade. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 24 de março de 1950, p. 1.

Futebol...? Só no estádio. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1950, p. 1.

#### LINKS NA INTERNET

MONKEN, Mario Hugo. Aos 68 anos, Caixa D'Água morre no Rio (**Folha de S. Paulo**). Disponível em: <<https://bit.ly/3IB6IJx>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

Deputado Nabi Abi Chedid (**Alesp**). Disponível em: <<http://bit.ly/417vB6D>>. Acesso em 18 de fevereiro 2023.

Eurico Miranda (Verbetes biográficos | **Câmara dos Deputados**). Disponível em: <[bit.ly/3k6RvGu](http://bit.ly/3k6RvGu)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

Vargas Neto (Verbetes biográficos | **Câmara dos Deputados**). Disponível em: <<http://bit.ly/3EG1OIT>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.



PETROCILO, Carlos; SEIXAS, Josué. Por que a seleção de vôlei masculino tem fama de bolsonarista? (**Folha de S. Paulo**). Disponível em: <[bit.ly/3xvTUO4](https://bit.ly/3xvTUO4)>. Acesso 18 de fevereiro de 2023.

Wallace, da seleção de vôlei, sugere 'tiro na cara' de Lula em postagem; jogador se desculpa (**Terra**). Disponível em: <[bit.ly/3k98PL3](https://bit.ly/3k98PL3)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

Filho de Tite endossa postagem de teor homofóbico de Maurício; CBF conversa com Matheus Bachi e reafirma compromisso com futebol livre de preconceito (**Extra**). Disponível em: <<http://bit.ly/3YIUe82>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

Tenista que postou foto durante atos antidemocráticos é suspenso por doping (**GloboEsporte.Com**). Disponível em: <[bit.ly/3XI31FS](https://bit.ly/3XI31FS)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

RECEBIDO EM: 27/02/2023

PARECER DADO EM: 19/05/2023

[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)